

ASA

JUDAISMO E PROGRESSISMO

ÓRGÃO INFORMATIVO E DE DIVULGAÇÃO CULTURAL DA ASSOCIAÇÃO SCHOLEM ALEICHEM DE CULTURA E RECREAÇÃO

Ano XXIII Nº 135

www.asa.org.br

Março/Abril de 2012

Acervo CSZ



ENTREVISTA

O jornalista Alberto Dines fala sobre a próxima inauguração da Casa Stefan Zweig

Jacques Gruman

Página 3

Dia 1º de abril, domingo, às 18h30

Pré-Seder laico na ASA

Tradicional comemoração de Pessach

- Leitura de *Hagadá* especialmente escrita para o evento
- Participação do Coral da ASA
- Jantar completo

Os ingressos, como sempre, somente serão vendidos com antecedência. Para alguns casos, é possível a entrega em domicílio.

Informações na secretaria ou pelos telefones 2539-7740 e 2535-1808, das 10 às 18 horas

E MAIS...

2 **EDITORIAL**
Mulheres

4 **CRIPTO-JUDEUS**
A identidade partida
HELENA LEWIN

6 **DISCRIMINAÇÃO**
Ser rabina em Israel
SANDRA KOCHMANN

A exclusão de mulheres
DEBORAH GRENIMAN

8 **BECO DA MÃE**
As orelhas de Haman
HENRIQUE VELTMAN

9 **PENÍNSULA IBÉRICA**
A crise e o Messias
RENATO MAYER

10 **SECURON (parte 6)**
Eliezer Steinberg veio
MOTL POLANSKY

12 **NOTAS**





Mulheres

Aproxima-se o Dia Internacional da Mulher. Nascido nas lutas operárias do século passado, ele, a exemplo do 1º de Maio, costuma ser desfigurado por comemorações irrelevantes. Qual é a agenda feminina neste início de século?

Apesar de destacados avanços recentes em questões como o direito a dispor do próprio corpo e o acesso ao mercado de trabalho, ainda há violações importantes em outros terrenos. Cerca de 603 milhões de adultas e meninas vivem em países onde a violência doméstica contra a mulher ainda não é considerada crime. Mais de 600 mil mulheres são traficadas anualmente para exploração sexual. Menos de 1% dos governantes do século 20 foram mulheres que chegaram ao poder por si mesmas (isto é, sem serem viúvas ou filhas de um governante masculino). Grupos religiosos restringem os direitos civis das mulheres, num claro preconceito de gênero. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, mais de 20 milhões de abortos são realizados em condições precárias anualmente em todo o mundo, resultando na morte de cerca de 50 mil mulheres – situação agravada por pressões sociais/religiosas que restringem o acesso a um atendimento médico adequado das gestantes que pretendem interromper a gravidez.

É ilusório imaginar que mulheres no comando de empresas e/ou países tornariam as sociedades mais tolerantes. O poder é ferramenta e subproduto da luta de classes. Não é uma questão de gênero. Mais importante seria uma união de esforços para eliminar os gargalos que cerceiam os direitos mais elementares das mulheres. Não é mais possível conviver com preconceitos culturais e obscurantismo religioso, que as confinam a tarefas domésticas e subordinadas. O direito à contracepção e à interrupção da gravidez deve ser universal, cabendo aos Estados massificar as informações sobre métodos contraceptivos e o acesso aos mesmos, reprimir as clínicas clandestinas de aborto e oferecer atendimento qualificado às mulheres que desejarem interromper a gravidez. O combate à exploração sexual deve ser implacável. São lutas, entre outras, que se travam na política e podem unir homens e mulheres progressistas na construção de sociedades verdadeiramente igualitárias. ■

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter z'/ e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb,
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Foto da capa: Evento nos salões do Botafogo Futebol Clube (out/1940) para angariar fundos para o Comitê Pró-Vítimas da Guerra. A partir da dir.: Lotte e Stefan Zweig, o presidente do Comitê, Marcos Constantino, e o reitor da Univ. do Brasil, Inácio de Azevedo Amaral, e sra. Em pé, o jornalista Aron Neumann.

Impressão: Stamppla

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro

Regente Claudia Alvarenga



Estes dançam



Estes cantam

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -
Quinzenalmente, terças, às 15h30
CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

Há 70 anos, no dia 23 de fevereiro, suicidavam-se em casa, em Petrópolis, o escritor Stefan Zweig e sua mulher, Lotte. Para recordar a morte do autor de *Brasil, um país do futuro*, conversações com entidades do Rio e de São Paulo estão sendo mantidas pela Casa Stefan Zweig (CSZ), cuja inauguração, prevista inicialmente para março, foi adiada para a temporada de inverno. Motivo do adiamento: “dinheiro curto”, conta o jornalista e escritor Alberto Dines, presidente da CSZ.

A casa de Stefan

ASA - A quem pertencia a casa de Zweig e como surgiu a ideia de transformá-la em museu?

A.D. – A ideia surgiu numa reunião na casa da pianista Clara Sverner, grande amiga. Presentes, Hans Stern e sua mulher, Ruth, Tobias Cepelowicz, José Pio Borges e sua mulher, Nancy Hartstein, e Israel Beloch. Era 2004, eu terminava a ampliação do meu livro [*Morte no paraíso*] para a 3ª edição. Imaginei que a repercussão, mais de vinte anos após o lançamento, chamaria a atenção de eventuais compradores da casa. Os proprietários, que, por coincidência, estavam encalacrados, com os impostos atrasados etc., toparam a nossa oferta. A coisa demorou muito porque não tivemos qualquer ajuda oficial, e houve muitas complicações burocráticas por se tratar de imóvel tombado. Escolhemos o projeto do arquiteto carioca Miguel Pinto Guimarães, que dividiu a obra em fases progressivas: primeiro, a restauração da casa para convertê-la no núcleo museológico, com a instalação do centro de memória dispondo de farto material audiovisual, depois, um auditório, a biblioteca, uma área de lazer etc.

ASA - Com que recursos o projeto está sendo implantado?

A.D. – A compra da casa foi bancada exclusivamente por recursos particulares – gente que gosta de Zweig, considera importante lembrar a sua história e também a dos demais refugiados que deixaram suas contribuições no campo das artes, ciências e cultura. A Prefeitura de Petrópolis vem oferecendo um pequeno apoio logístico. A Embaixada da Áustria financiou uma mostra que fizemos em janeiro de 2011, e no segundo semestre de 2011 a Embaixada Alemã deu uma bela contribuição para a obra. Do governo brasileiro, por enquanto nenhuma ajuda. Estamos batalhando.

ASA - Como contribuir financeiramente ou fazer doações para a CSZ?

A.D. – Temos recebido obras de e sobre Zweig em diversos idiomas, alguns doadores ofereceram material documental, mas a doação mais comovente foi a dos herdeiros do escultor petropolitano Aníbal Rodrigues Monteiro, dentista de profissão, que fez a máscara mortuária de Zweig antes de ser sepultado. Eles nos ofereceram a primeira cópia em bronze (existe outra em poder de um colecionador paulista). Há várias formas de contribuir. Estamos abrindo a possibilidade de comprar cadeiras para o nosso pequeno auditório. Cada cadeira terá como patrono um dos refugiados cuja documentação está sendo colecionada no Memorial do Exílio que faz parte da CSZ. Se acharem algo nos antiquários do Brasil e do exterior comprem e façam a doação. Se precisarem de orientação, estamos às ordens. O nosso site é www.casastefanzweig.org.br.

ASA - Quem são os profissionais envolvidos no projeto?

A.D. – O trabalho insano está sendo tocado por uma maravilhosa equipe de voluntários, todos amadores: a jornalista e tradutora Kristina Michahelles, que administra o site e toca um monte de coisas ao mesmo tempo, a historiadora Beatriz Cepelowicz Lessa, atuando como gerente executiva, o designer e poeta André Vallias, como curador da parte visual, o historiador Fábio Koifman, autor do livro *Quixote nas Trevas*, dirigindo o Memorial do Exílio; e também na linha de frente o historiador Israel Beloch, os economistas José Pio Borges e Renato Bromfman, e o engenheiro-empresário Tobias Cepelowicz.

ASA - A quarta edição de *Morte no paraíso*, a ser lançada em abril, traz novidades?

A.D. – Muitas novidades. Impossível



Foto: Wolf Reich - Acervo CSZ

Foto de Stefan Zweig (1940) para a capa ou contracapa do livro *Brasil, país do futuro*

nomeá-las. O livro vem sendo construído em camadas desde 1979. É o mesmo livro, a mesma história, o mesmo desfecho, mas em cada atualização (já são quatro, inclusive para traduções em outros idiomas), o material se adensa, se articula. Biografia é matéria viva.

ASA - Setenta anos após a morte de Zweig, o “país do futuro” e a comunidade judaica conhecem o autor? E o mundo, que lugar lhe reserva?

A.D. – A relação da comunidade judaica com Zweig é complicada. Ele não foi um “escritor judeu”, foi um magnífico escritor que era judeu. Mas nas suas memórias assume-se plenamente como judeu, judeu cosmopolita. Foi uma espécie de pupilo de Herzl e de Martin Buber, mas depois da Primeira Guerra rejeitou todos os nacionalismos, inclusive o nacionalismo judeu. Respeitava e elogiava o esforço dos pioneiros na Palestina, mas achava que o sionismo não era solução para resolver com a urgência necessária o problema de todos os judeus. Em Londres, esteve próximo dos “territorialistas”, que defendiam uma solução de emergência para os judeus da Europa em qualquer parte do mundo (o Veltman tratou dos territorialistas na última edição do boletim). Quando menciono isso, a plateia judaica sente-se traída. O “país do futuro” tem uma vaga noção a respeito do autor. Mas, como cultores da História, achamos que vagas ideias são efêmeras e às vezes enganosas. ■

A identidade partida

Helena Lewin / Especial para ASA

Os cripto-judeus eram os judeus convertidos compulsoriamente ao cristianismo, durante a Inquisição Portuguesa, praticantes em segredo de sua anterior fé judaica.

Eles transitavam entre o mundo cristão, dominante, e o judaico, submetido e legalmente desaparecido, e sua inserção não ocorria nestes dois mundos, mas entre esses dois mundos. A profunda contradição do “estar entre” se consubstanciava, por um lado, na exibição, para o mundo exterior, de sua adesão cristã incondicional derivada do batismo a que tinham sido obrigados, e por outro, nas práticas relacionadas com sua anterior adesão religiosa judaica, e que se processavam secretamente, com cuidado e discrição, na intimidade familiar.

Num processo sincrético, tentaram fundir, sem sucesso, a Lei de Cristo que garante salvação da alma individual e a Lei de Moisés que sustenta o preceito judaico da salvação da alma comunal – a responsabilidade coletiva –, o que resultava em muitas incongruências devido ao abismo conflitual entre suas premissas antagônicas.

Por que os instrumentos coercitivos derivados dos poderes do Estado e da Igreja – o terror e o controle social – mostraram-se incapazes de romper definitivamente as brechas do sentimento e das práticas judaicas exercidas em segredo e de apagar a memória judaica, embora tivessem decretado sua morte jurídica e religiosa?

O exercício da clandestinidade privilegiava o *locus* familiar, onde se praticavam os costumes herdados, de forma bastante simplificada, despojada de seus cânticos e estudos teológicos, tendo em vista estar sob suspeita aos olhos vigilantes dos cristãos, velhos e novos, que assumiam a delação como um serviço à Igreja e à fé. Seus livros de estudos e de orações foram-lhes confiscados,

roubados ou queimados, tornando a sua descendência formalmente menos instruída no conhecimento dos princípios bíblicos. O processo de transferência se fazia oralmente, com o gradual apagamento dos conhecimentos à medida que as gerações se sucediam.

A transmissão em segredo ocorrida no âmbito doméstico se perpetuava sem deixar registro. A prática da endogamia substituiu, simbolicamente, a comunidade inexistente, ao realizar a integração entre iguais, reforçando dessa forma a resistência frente à sociedade cristã.

A prática da endogamia reforçou a resistência frente à sociedade cristã.

As comunidades, além de serem espaços de identidade, de pertencimento e de ajuda mútua, também preenchem o papel de espaço integrador através das trocas afetivas, culturais e de solidariedade. Assim, os judaizantes produziram uma segunda metamorfose: substituíram o coletivo, inerente ao conceito de comunidade, pelo individual, a família e a casa.

Por outro lado, a impossibilidade de criar comunidades devido a sua condição secreta aumentava o risco de assimilação na medida em que a fragmentação individual tem menor resistência para enfrentar o permanente estado de crise e de medo dos terríveis castigos impostos aos infiéis.

A oposição entre o “nós” e o “outro”, entre o privado e o público, entre a casa e a rua marcava os limites de circulação do conhecimento judaico acumulado pela lembrança daqueles que sabiam um

pouco mais, mas que, no entanto, iam se esgotando ao longo das descendências. Quem era a responsável pela transmissão? A mulher, a mãe, a avó. E sobre elas pesava a maior suspeita de judaizamento visto haver a crença de que através do sangue e do leite materno o judaísmo era transmitido. O número de mulheres condenadas pela Inquisição sustentava essa premissa e, assim, os cristãos-novos judaizantes não poderiam alcançar a pureza de raça e de sangue mesmo que fosse por via do casamento com os cristãos-velhos, pois o racismo medieval constituía a base de exclusão dos cristãos-novos e, ao mesmo tempo, o privilégio e monopólio dos cristãos-velhos.

O judaísmo, tendo sua fonte de recrutamento esgotada e até mesmo diminuída pela evasão e pelas dificuldades de seu reconhecimento tornou-se muito mais um exercício recorrente da ritualística judaica. O preparo para o Shabat e o acendimento de suas velas, a guarda do Dia do Perdão, a homenagem à heroína rainha Ester, a culinária, o funeral, entre outros, transformaram-se, ao longo do tempo, em práticas costumeiras baseadas na repetição automática, sem explicação e sem conteúdo do ponto de vista da formulação religiosa. Isto porque o fortalecimento religioso não pode ocorrer quando seus mitos fundantes são desconhecidos, quando as sagas de heroísmo em relação ao divino não se interpenetram com relativa coerência descritiva e quando a literatura religiosa não funciona como um texto de apoio à prática ritual e da fé. No caso dos cristãos-novos judaizantes ocorre a prática do ritual, ou parte dele, como uma herança sem porquês, sem questionamentos.

Como exceção desse processo de reprodução automática dos costumes e das práticas religiosas que foram se tornando apenas uma lembrança difusa

sustentada pela repetição é possível citar a memória cristã-nova judaizante de Belmonte, que porta características diferenciadas em relação aos demais cristãos-novos portugueses visto seu isolamento geográfico e sua organização social para-comunitária.

É possível enquadrar a repetição como o cumprimento de um mandamento e como demonstração de fé, principalmente, visando o fortalecimento intergeracional da memória e da diferenciação. Dessa forma, a memória não se esgotava em lembrar, mas ajudava a vivenciar práticas e costumes.

Assim, a sinagoga, outrora central na vida daqueles antigos judeus, foi justaposta à centralidade da casa, que passou a funcionar como um espaço dedicado à fé secretamente vivida, como uma experiência compartilhada pela família reforçada pela segregação espacial.

Essa forçada substituição foi responsável por outro dramático deslocamento: o patrimônio judaico formal, que se fundava nos preceitos bíblicos, deu lugar ao patrimônio judaico informal, que passou a se centrar sobre a prática do ritual.

Contudo, a liberdade de expressão dentro da casa era autocontrolada, criando gestos, códigos e sinais que se transformaram em uma nova gramática de comunicação. As condições vivenciais de uma religião e de uma cultura em segredo impossibilitaram a formulação de um discurso justificador e explicativo daquele contexto, principalmente para as gerações sucessivas, visto o segredo impedir a oxigenação e aumentar a rigidez e o esclerosamento dos sentimentos, devido ao encolhimento do universo de contatos externos moldado pela desconfiança vigente. Dá-se a reprodução mecânica dos atos, fatos e palavras, que passam a ser destituídos de orientação de sentido. Porém, apesar desta pretensa alienação, sabiam distinguir os perigos a que estavam submetidos mormente em relação àqueles que se encontravam mais próximos, os parentes e a vizinhança, geralmente seus denunciadores.

Os cripto-judeus eram indivíduos

partidos e repartidos no seu contexto imediato. O primeiro e maior conflito e sobre qual o preconceito foi gerado e expandido referia-se ao relacionamento entre o cristão-velho e o cristão-novo seguido pela segunda dicotomia, entre o cristão-novo católico e o cristão-novo judeu e, finalmente, entre o judaísmo formal e o não formal. Esses embates resultaram no desejo reprimido da fé e do mistério messiânico através da sobrevivência tímida e confinada nos lares como uma forma de resistência.

Indivíduos desconfiados de pertencerem à tradição judaica, e passando a buscar explicações para certas reminiscências, hábitos e comportamentos de cuja apagada lembrança tinham alguma ressonância, se debruçam na descoberta de suas raízes históricas e genealógicas, procurando, através de organizações

A busca de uma memória judaica se espalha pela América Latina, incluindo o Brasil.

culturais, pesquisadores ou outras fontes a explicação para a trajetória de seus ancestrais. Grupos na internet se auxiliam, fazendo circular informações entre seus membros, atingindo buscas e descobertas em vários países.

Reunir fragmentos soltos que possam dar sentido às suas buscas em relação ao passado de seus familiares será capaz de produzir a aceitação, por esses indivíduos, de um judaísmo fiel a qual tradição judaica? Será essa procura um novo caminho para a aceitação do judaísmo como filosofia de vida? Ou apenas uma curiosidade sobre suas origens, decorrente da publicação de muitos estudos que levantam a procedência judaica dos sefaraditas esquecidos pelo tempo, coincidindo com seus nomes familiares. Este movimento se espalha pela América Latina, incluindo o Brasil, que mantém contato com pesquisadores, estudiosos

do tema e grupos de apoio e de interesse comum.

Aqueles que declaram querer voltar ao judaísmo, após uma vida educada no cristianismo, ou mesmo aqueles que se confessam agnósticos poderão, de posse de seu passado judaico, produzir o modelo anterior ou terão que refundá-lo e criar um novo olhar judaico que corresponda a sua inserção neste novo contexto pretendido?

No entanto, o processo de retorno, essa busca de uma memória judaica, não emerge aleatoriamente. Ele é o produto do conjunto integrado e simultaneamente interdependente de três processos: a *desconstrução* referida aos impedimentos que amarravam sua vinculação cristã, a *construção* relacionada à descoberta de suas origens e a *reconstrução* ao produzir uma nova identidade, a judaica.

A desconstrução se realiza através da procura de nomes comuns que possam identificá-los como tendo semelhanças de origem. Os nomes funcionam como pegadas que o detetive busca para elucidar o mistério que se perdeu no tempo e no espaço. Essa fase é muito mais um resgate sentimental e nostálgico, que, no entanto, não oferece nenhuma segurança quanto à definição de sua ascendência judaica, considerando as inúmeras possibilidades de formas diferenciadas de um mesmo nome sem que tenham sido necessariamente judeus ou cristãos-novos judaizantes. São pistas, não são provas.

A construção é o processo mais difícil porque se insere na questão crucial da definição do que é ser judeu e suas inúmeras controvérsias e, portanto, da escolha e do abandono do seu anterior perfil religioso-identitário. Finalmente, o terceiro item deste processo será decorrência do segundo: é o momento de reconstrução, uma nova identidade que o acompanhará daí para a frente, norteando sua vida, os princípios éticos, morais e religiosos de seu comportamento. Para tal terá que estar plenamente convencido... ■

Helena Lewin, professora doutora em Sociologia, é coordenadora do Programa de Estudos Judaicos da UERJ.

Ser rabina em Israel

Sandra Kochmann / Especial para ASA

Não é fácil ser rabina no Estado de Israel. Porque implica dois fatos: ser mulher e pertencer a um movimento religioso não ortodoxo, dois grupos que encontram a cada dia mais obstáculos dentro da sociedade israelense.

Ser mulher, desfrutar da igualdade e dos mesmos direitos que os homens no século 21 dentro de uma sociedade considerada ocidental e do primeiro mundo deveria ser a coisa mais normal do mundo. Mas não é.

Porque no moderno Estado de Israel, em alguns ônibus, as mulheres têm que sentar nas últimas filas; as mulheres não podem aparecer em cartazes de publicidade nas ruas de algumas cidades; as mulheres não podem cantar ou dançar perante determinados tipos de públicos; em alguns bairros, as mulheres têm que andar num lado específico da calçada; as mulheres têm determinadas horas de acesso ao ginásio de algumas universidades... Enfim, as mulheres têm a sua vida determinada por outros.

Por outro lado, ter o direito de pertencer ou de se identificar com qualquer movimento religioso judaico, ter a possibilidade de escolher as suas próprias autoridades religiosas, o seu próprio rabino ou rabina para a sinagoga do seu bairro, para a celebração do seu casamento ou para acompanhá-lo em qualquer momento feliz ou triste da sua vida deveria ser uma opção válida e livre para todo judeu ou judia no Estado judeu e democrático. Mas não é.

Porque no moderno Estado de Israel as correntes religiosas judaicas que não se identificam com o Rabinato central ortodoxo não recebem terra nem dinheiro das prefeituras para construir as suas próprias sinagogas; as comunidades religiosas não recebem ajuda do Estado para pagar os salários dos seus rabinos/as; os casamentos celebrados por rabinos/as não pertencentes ao Rabinato ortodoxo não são reconhecidos pelo Estado judeu...



Arquivo Pessoal

A rabina Sandra Kochmann ajuda o pai de um bar-mitsvando junto ao Muro Ocidental

As mulheres e os judeus religiosos não ortodoxos têm a sua vida determinada por outros.

Enfim, as pessoas que se identificam com movimentos religiosos judaicos não ortodoxos têm a sua vida determinada por outros.

E aqueles “outros” que determinam essas regras na sociedade israelense não são só os extremistas religiosos, mas são especialmente os políticos que, temerosos de não conseguir formar a sua coalizão de governo, entregam a dignidade, a liberdade de expressão, a igualdade de direitos e o pluralismo religioso em mãos de uma minoria fundamentalista.

Contudo, eu escolho continuar sendo rabina no Estado de Israel. Porque isso implica grandes desafios:

1- O desafio de estimular as mulheres judias em Israel a assumir com orgulho o papel tão importante e essencial que elas têm – justamente pelo fato de serem mulheres – nas suas casas, nas ruas, no trabalho, na sinagoga da corrente religiosa com

a qual cada uma se identifica e dentro da sociedade onde cada uma escolhe morar.

2- O desafio de nos encorajar mutuamente para lutar pela igualdade e pelo pluralismo religioso, cantando onde procuram nos silenciar, sentando na frente dos ônibus onde nos empurram para o último lugar, mostrando as nossas faces onde tentam nos censurar, estabelecendo comunidades e sinagogas igualitárias mesmo que os políticos não estejam a fim de apoiar.

3- O desafio de educar as próximas gerações de israelenses – jovens mulheres e homens – para compreenderem que todo cidadão e cidadã do Estado merece respeito e para saberem que existe mais de um caminho válido – religioso ou não – para viver o judaísmo.

Ser rabina é uma vocação. Morar no Estado de Israel é cumprir com o meu sonho e o ideal sionista no qual cresci.

E eu escolho a cada dia viver a minha vocação e o meu sonho nesta terra “tão terrível e tão bonita” – como escreveu o compositor Ehud Manor –, apesar de tudo.

Porque, como cantamos no *Hatikva*, o hino nacional do povo judeu: “Enquanto no fundo do coração palpitar uma alma judaica...nossa esperança não estará perdida”...E eu não perco a esperança de que os valores milenares do nosso povo, aqueles que nos ajudaram a superar tantas coisas e nos permitiram sobreviver até o dia de hoje, apesar de tudo, aqueles valores do respeito mútuo, da solidariedade e da união, voltem a surgir na sociedade israelense atual, para conseguirmos – como dizemos nas nossas rezas diárias – “melhorar o mundo inspirados pela nossa fé em Deus”.

Lembranças, de Jerusalém. ■

Sandra Kochmann é rabina da Kehilah Masortiit-Mishpachtit beBeit Hakerem (Jerusalém) e coordenadora de casamentos e conversões do Movimento Masorti (conservador) em Israel. Foi rabina da ARI (RJ) entre 2003 e 2005.

A exclusão de mulheres

Deborah Greniman / Especial para ASA

A mídia judaica tem discutido ultimamente uma “nova” expressão em hebraico: *hadarat nashim*, a exclusão de mulheres. Ela vem entrando nas manchetes à medida que os israelenses, com crescente frequência, se defrontam com esforços de homens ortodoxos e ultraortodoxos para expulsar as mulheres dos espaços públicos que pensávamos compartilhar. Mulheres para a traseira dos ônibus. Mulheres fora do palco. Não se trata de um grupo fixando-se padrões; são grupos que, alegando um direito de manter os seus padrões mesmo no espaço público, exigem impô-los também aos demais.

“Exclusão de mulheres” nem é uma expressão nova ou um fenômeno especificamente judaico ou israelense. O conceito de exclusão surge com regularidade em análises feministas e pós-coloniais de muitas sociedades que se consideram “iluminadas”, e a expressão *hadarat nashim* foi cunhada há décadas para traduzir este conceito para o hebraico. O projeto feminista liberal tem sido rechaçar a exclusão de mulheres, e na maioria das sociedades ocidentais os ganhos são palpáveis. No mundo, a crescente presença de mulheres no espaço público é um dos símbolos e medidas de uma sociedade moderna, liberal.

Por isto os recentes incidentes provocaram arrepios em amplos setores da sociedade israelense, incluindo alguns rigidamente ortodoxos. Muitos dos *chapéus pretos* em Israel ainda gostam de se pensar como parte de uma sociedade moderna e pluralista, na qual homens e mulheres se misturam nos locais de trabalho, nas universidades, nas clínicas, nos shopping centers. Também eles preferem a liberdade de seguir os seus próprios padrões de recato, e não tê-los impostos por outro grupo. A ideia de mulheres sendo expulsas de espaços anteriormente vistos como incontestes – a frente dos ônibus, a sala de aula, o palco – torna plausível a possibilidade de que Israel esteja perdendo terreno como

o tipo de sociedade moderna na qual se deseja viver.

Uma mulher observante postou recentemente num blog sua foto com chapéu, saia longa e mangas compridas, e escreveu sobre o poder que sente ao se impor a disciplina do código de vestimenta ortodoxo. Para ela, poder marcar a sua fé pela escolha de suas roupas é estimulante. Para os homens ultraortodoxos, uma mulher que poste uma foto exibindo suas roupas – qualquer roupa – é um anátema.

Haverá quem pense, então, que essa glória de fazer escolhas não se aplica às ultraortodoxas mais conservadoras, restringidas, desde o nascimento, pela censura de uma sociedade rigidamente patriarcal. Num es-

De um modo geral, rabinos não mandam intimidar nem cuspir nas mulheres.

tudo recente, entretanto, a erudita feminista Sima Zalberg Block descobriu que mulheres hassídicas que haviam adotado uma forma particularmente rigorosa de vestir insistiam tê-lo feito por sua inteira escolha. Elas optaram por cobrir a roupa com grossas capas, embora nenhum rabino as tivesse instruído neste sentido. Bloqueado o caminho da autoexpressão por meio de uma liberalização maior, elas fazem escolhas no terreno que lhes sobra: expressam-se, com rigor cada vez maior, ocultando-se no espaço público.

O outro lado da moeda, são os jovens ultraortodoxos que se expressam tentando impor rigidez crescente a todas as mulheres que cruzam os seus caminhos. Ainda que rabinos apoiem o seu zelo religioso, de um modo geral não mandam os seus discípulos intimidar as mulheres e cuspir nelas.

Também para estes jovens essa é a escolha que lhes resta, uma sombria linha de conduta que lhes proporcione maior satisfação ou emoções baratas numa sociedade

Arquivo Pessoal



Deborah Greniman é, junto com o marido, rabino Yehiel Greniman, membro veterano da comunidade ortodoxa liberal Kehilat Yedidya, em Jerusalém

que as oferece com escassez. Mais do que isto, é a escolha possível numa comunidade cujo crescimento exponencial, abastecido pelo maior índice de natalidade do mundo ocidental, lhe permite flexionar os músculos contra uma sociedade secular que vai ficando proporcionalmente menor a cada dia.

Não importa quanto os ultraortodoxos protestem contra a modernidade, a tendência moderna – ou talvez a humana – por escolhas percorre todos os setores da sociedade e os põe em rota de colisão. Os dilemas talvez sejam maiores para os ortodoxos rígidos que não são fanáticos religiosos. Deve uma ortodoxa, ao embarcar, fazer a “pudica” opção de ir para a traseira do ônibus, ou deve ela, com firmeza, sentar-se na frente e resistir ao puxão à direita? Esse puxão para a direita corrói as escolhas dela assim como o direito do seu grupo de definir o seu próprio caminho, e é por isto que algumas ortodoxas vêm se posicionando na vanguarda da luta contra o fanatismo religioso. Para preservar a sua própria participação na sociedade moderna, elas não têm alternativa a não ser assumir uma posição firme. Os acontecimentos recentes estão demonstrando esta verdade igualmente para todos os demais setores da sociedade israelense. ■

Deborah Greniman é editora de *Nashim*, publicado em conjunto pelo *Schechter Institute of Jewish Studies* e o *Hadassah-Brandeis Institute*, e de publicações em língua inglesa da *Academia de Ciências e Humanidades de Israel*.
Tradução de **S.M.G.**

As orelhas de Haman

Henrique Veltman / Especial para ASA

Minha mãe bem que gostaria, mas nenhum de nós (meu pai, meu irmão e eu) era muito ligado em religião. Apesar de nossa formação judaica e sionista na Escola Herzlia e, mais tarde, no Colégio Hebreu Brasileiro (CHB).

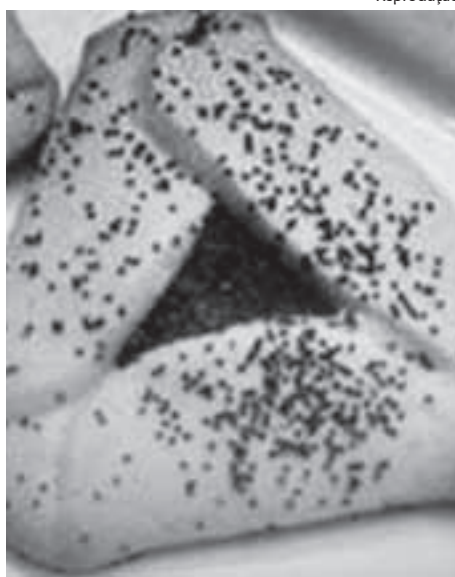
Na verdade, tivemos uma educação judaica liberal, progressista.

Tudo isso pra dizer que, de Purim, tenho poucas recordações, mesmo no colégio não lembro de nenhuma comemoração mais completa. Lembro, sim, dos *humentashen*, as orelhas de Haman, e do bolo de uva preta que minha tia Rivke fazia, delicioso – até hoje, aliás, é o bolo que marca, pra mim, esse período, que a Sílvia amorosamente se esforça para produzir, sempre que ela encontra as tais uvas pretas...

Sim, é verdade, nas aulas de *Tanach* e *Talmud*, o saudoso Jacob Fajngelerent nos falou de Ester & Cia, insinuando, até, que essa história de primos (Mordehai e Hadassa) estava mal contada. Ele sugeria que os dois eram marido-e-mulher, portanto, na melhor das hipóteses, o rei persa foi levado na conversa.

Há apenas uma ação obrigatória em Purim, que é ouvir a história da libertação dos judeus das mãos de seu inimigo, Haman. Pode-se debater se isso se deveu à manipulação sexual de Ester sobre o rei Ahashverosh a pedido de Mordehai ou, de fato, à intervenção divina.

O que não está em debate, porém, é a ferocidade da observância judaica do



Reprodução

Os oznei Haman vêm em diversas formas

evento. O costume judaico é ficar bêbado, gritar, gritar e vibrar a matraca cada vez que o nome de Haman é lido em voz alta e, geralmente, lembrar a todos que mantemos rancor por muito tempo.

Dessas sessões de gritaria e matracas eu lembro bem, nas salas de aula do CHB.

Os alimentos de Purim, os *oznei Haman*, orelhas de Haman, vêm em diversas formas, que variam de biscoitos recheados a uma espécie de massa frita que comi, um dia, em casa do Xexéu z'l (apelido do querido Samuel Shechtman, saudoso companheiro dos bancos escolares).

Fajngelerent nos contou, para horror nosso, que Haman e seus dez filhos foram todos empalados em estacas de madeira.

Vocês lembram disso quando contam a *meguilá* para suas criancinhas queridas?

Segundo os registros do *Livro de Ester*, a festa de Purim comemora o dia da vitória do povo judeu sobre os povos inimigos na época medo-persa, durante o cativeiro na Babilônia. Bem, é verdade que Haman, primeiro-ministro do rei, havia emitido um decreto determinando que o povo judeu deveria ser exterminado sem qualquer direito de defesa.

Segundo a lei medo-persa, qualquer decreto, após emitido, não poderia mais ser revogado nem pelo próprio rei. Aí, a solução encontrada por Mordehai e pela rainha Ester foi emitir um segundo decreto, dando o direito aos judeus de se defenderem. E como se defenderam, foi o chamado pega pra capar...

Purim é uma palavra hebraica derivada de outra palavra hebraica, *pur*, mas que muito provavelmente vem da palavra assíria *puru*, que se refere aos dados de jogos que são lançados para se determinar a sorte de algo. Foi assim que Haman lançou o Pur e determinou que, no 13º dia do mês de Adar, os judeus deveriam ser exterminados. Mas graças aos encantos de Ester e à esperteza de Mordehai, quem se ferrou foi Haman. Um detalhe essencial: não há na *Meguilá* (que não foi incorporada ao *Tanach*) nenhuma referência a Deus. ■

Henrique Veltman, carioca, 75 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

Martins Associados - Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana
Telefone: 2255-7491

Mauro Ayselrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 - Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852
E-mail: acsel@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Buffet próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929
E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

A crise e o Messias

Renato Mayer / Especial para ASA

Oshames Manoel abre as portas da pequena, porém bela e centenária, sinagoga Shaaré Tikva, no Rato, bairro de Lisboa. Pergunto-lhe pela comunidade: são umas duzentas famílias, aproximadamente. E como estão? Como todos os portugueses, me responde.

Os portugueses estão desmotivados. Seu Antônio, dono de uma mercearia em arredor mais elegante, me conta, pouco antes do Natal: “Todos os anos, nesta época, eu quebrava regularmente cerca de 50 quilos de nozes para vender aos fregueses. De uns tempos para cá, foi caindo e agora, já não mais, já não mais.” Teme-se o futuro, cortam-se gastos, o consumo se retrai, fecham os pequenos negócios.

O mesmo se passa na vizinha Espanha. Afinal, é idêntico o receituário de governos recentemente empossados, apressados em liquidar dívidas públicas, olhos tapados à realidade social. Aumento de impostos (inclusive sobre habitação própria) e de preços; corte de subsídios, por exemplo, à saúde; redução das cirurgias nos hospitais públicos; privatizações; demissão de funcionários, com redução de salários; aumento das horas de trabalho; adiamento de obras já programadas e por aí vai. A imaginação é grande quando se trata de pagar a dívida, garantindo à banca e ao sistema financeiro a intocabilidade de seus ganhos.

O capitalismo, que um dia foi industrial, inovador e produtivo, gerou uma massa imensa de recursos em busca de investimentos que rendam aos detentores de recursos saídas mais rentáveis: emprestar, criar aplicações derivadas de outros empréstimos e aplicações (derivativos), gerar títulos de toda sorte de dívidas, nada a ver com o mundo da produção. A financeirização se faz em um mundo à parte e que se retroalimenta. Economistas brasileiros, reunidos em seminário no Itamaraty, avaliaram que o chamado mercado de capitais, sob o domínio dos grandes bancos, movimentava de cinco a seis vezes o PIB mundial, e o de derivativos, 435 trilhões de dólares



Caricatura de capa da revista cômica espanhola El Jueves, sobre o primeiro-ministro espanhol Mariano Rajoy, nomeado no final de 2011. Traduzida por Renato Mayer

É uma situação que os velhos sábios da tradição judaica parecem ter antevisto.

ou cerca de trinta vezes o PIB dos Estados Unidos.

Mas não há ondas tecnológicas capazes de carrear estes recursos à semelhança das revoluções industriais do passado histórico? Há grandes avanços, sem dúvida, nas áreas de comunicação e informação, biotecnologia, equipamentos médicos, militares e química farmacêutica. E retrocessos também, com o apego ao petróleo e ao carvão como fonte de energia, com suas consequências climáticas tenebrosas. No balanço, ganham alguns setores, mas não as sociedades, incapazes de oferecer incentivos suficientes para absorverem o dinheiro que circula como capital financeiro. É esse simulacro de progresso que faz com que até políticos conservadores falem em mudança de “paradigma do

capitalismo”, com regulação do mercado de capitais e controle mais rigoroso do que interpretam como especulação. Falam, mas, na Europa, práticas, propostas e métodos continuam os mais tradicionais. Com prejuízo e empobrecimento de grande parte de sua população, junto a altos níveis de ociosidade da capacidade produtiva instalada e de sua mão de obra. Os ressentimentos estão por toda parte. Afloram ao denominar aquelas políticas de “pacto de agressão”.

É uma situação que os velhos sábios da tradição judaica parecem ter antevisto. Ao falarem do Messias (Será um indivíduo? Uma onda redentora? Uma revolução? A recomposição dos valores humanistas mais profundos? Um novo pensamento e forma de estar no mundo?), mencionavam que sua vinda seria precedida de horrendas catástrofes, desespero, declínio da ética, da solidariedade e da moralidade. A era messiânica corrigirá o mundo e o restituirá a seu estado original, de luz e paz.

O Rabino Y. Loew, o Maharal de Praga, o mesmo que teria criado o Golem no ano de 1580, explica a propósito, dialeticamente, que só depois que o estado anterior perde sua identidade, um novo padrão pode desenvolver-se. O velho deve oscilar e cair antes que um mundo novo e puro possa ser criado, sendo nossa época uma de transição entre o velho e o novo.

Diante do que estamos vendo, não há muitas razões para otimismo. Mas o outro lado de nossa tradição, o de luta, resistência e perseverança, recomenda que destaquemos o avanço dos movimentos sociais e a tenacidade generalizada da oposição às políticas recessivas que rompem com as proteções e serviços de bem-estar conquistados pelos povos. Assusta muito mais o sentido do que vi pintado num muro de Setúbal, ali mesmo em Portugal: “Rouba o rico mais próximo de ti.” Até porque, mesmo assim, muitos continuarão sem nada. ■

Renato Mayer, economista, é colaborador deste Boletim.

Eliezer Steinberg veio*

Motl Polansky

Além dos cursos públicos, feitos com nossas próprias forças, organizamos também apresentações de artistas e escritores. O que deixou especialmente agitados os nossos jovens foi a perspectiva de encontros com o grande fabulista Eliezer Steinberg, muito popular e amado como um mestre da palavra e revolucionário. Para conseguir licença para esta apresentação precisávamos “preparar o poder” (financeiramente). Foi difícil também alugar o salão do Chaim Abramovitch, um judeu rico de caráter duro. Tinha duas profissões, ou, como o povo dizia, duas “vacas leiteiras”: a grande balança, que ficava no meio da rua, bem defronte à sua casa, e o salão de teatro, nos fundos do terraço detrás da casa. Na balança pingava sempre algum dinheiro de cada carroça que alguém pesava. O salão rendia diariamente algo pelo aluguel a grupos de teatro ambulantes, casamentos, festas e cinema. Os dois irmãos Zitzer, ex-artistas de um grupo de teatro ambulante, que todas as sextas e sábados passavam um filme mudo, contavam tudo o que padeciam. Abramovitch sempre mudava o preço e exigia pagamento adiantado, além de muitos ingressos gratuitos.

Ele foi particularmente duro com o Círculo Sholem Aleichem, onde sua adorada filha Súrcale era uma das figuras principais, tendo feito amizade com operários, tipos inferiores a ela. As relações entre pai e filha estavam abaladas, e todos temiam que ele não alugasse o salão para a noite de Steinberg. Mas, inesperadamente, Súrcale assumiu o compromisso de conseguir o salão. Que medidas ela tomou para negociar com o pai, ninguém sabe. Pode ser que tenha ameaçado sair de casa, mudar de cidade ou coisa pior, mas o fato é que o pai ficou tão manso que nem cobrou adiantado como de costume. A tarefa de Ita e Hérshela foi vender os bilhetes na cidade. A minha, preparar os cartazes. Tive de fazer o trabalho à mão durante toda a noite para que, na manhã seguinte, os cartazes fossem pendurados nas ruas. E



Reprodução
Caricatura do escritor Eliezer Steinberg

logo nessa mesma tarde tinha sido convidado para tocar guitarra na orquestra que acompanhava um grupo teatral – uma oportunidade muito rara. Nenhum jovem de hoje pode compreender o significado, para um rapaz ávido de música como eu, de encontrar músicos profissionais. Mas tive de recusar. Em uma pequena casa, em uma rua afastada, à luz de lamparina, eu preparava os cartazes. Meu coração chorava, mas ao mesmo tempo sentia que estava fazendo uma obra importante. Com afinco desenhei cada letra, especialmente as letras grandes e bonitas do nome de Eliezer Steinberg.

No dia seguinte, os cartazes olhavam com orgulho, das paredes, dos muros e postes telegráficos. A cidade toda sussurrava: “Vejam só, o grande Eliezer Steinberg em Securon.”

Steinberg era muito amado e popular entre os amantes da cultura judaica, da criação judaica e do pensamento progressista. Seu nome era envolto em lenda. Falava-se sobre a vida modesta que levava em Tchernovitz, sobre seu humanismo e bondade, que, dizia-se, faziam milagres. Contavam que entre as crianças ninguém o reconhecia, pois ele se transformava em

criança. Mesmo quando ainda não editadas, as fábulas de Steinberg penetravam no povo, viviam no povo e andavam de cidade em cidade, de boca em boca. Muitas eram conhecidas de cor como aforismos populares e inteligentes. Com seu conteúdo democrático e progressista, com suas considerações humanistas, as fábulas ajudavam a espantar o desespero, consolavam e fortaleciam, clamando à atividade. Nas reuniões, particularmente entre as camadas avançadas, nunca se deixava de ler as fábulas de Steinberg. Nos programas dos círculos de amadores, as fábulas ocupavam o primeiro lugar. Em que consistia esta força?

Steinberg viveu e criou em um tempo de muita luta social, quando as contradições e injustiças do sistema social pesavam como um grande fardo. O grande artista, com seu coração quente e humano, com a mente de um sábio popular e com grande amor pelo trabalhador e pelo oprimido, não podia ficar alheio aos conflitos sociais. Ele sofria com a triste realidade e cultivou em si o sonho dourado de um mundo justo e bom. Um mundo sem ofensas, sem opressões, sem maldades. Por toda parte ele via uma luta entre o bem e o mal, entre a justiça e a injustiça. Em suas fábulas, ele revela o cinismo, o orgulho, a mísera autossatisfação e todas as outras deformações do sistema social doente. Compreende-se assim o grande papel da criação de Steinberg no desenvolvimento político e moral da juventude judaica da Bessarábia e de toda a Romênia, e como foi útil o seu contato vivo com a juventude trabalhadora.

A noite de Steinberg foi transformada em uma grande festa cultural. O salão estava superlotado, apesar de a cidade saber quem eram seus organizadores. Evidência disto era o Idel a correr de um lado para o outro organizando a entrada no salão, pequeno para tanta gente. Abramovitch corria, gritando: “Gente, vocês querem derrubar as paredes para que eu fique sem salão?” O público estava de pé entre os

bancos e encostado nas paredes laterais. Quando Steinberg apareceu, explodiu uma ovação. Foi completamente impossível acalmar o público, especialmente os jovens. Baixinho, meio gordo, com a testa clara e larga de um sábio, ele parecia festivo. Com um amável sorriso, inclinou-se levemente, os meigos olhos de criança mirando através de seus grossos óculos para todos os lados do salão.

A conferência versava sobre o papel da literatura na vida social e sobre o processo de criação do artista individual. Depois da conferência, Steinberg leu suas fábulas. Gesticulava com as mãos e com o corpo todo, alisava a testa com os dedos, e com seus lábios grossos quase cantou e desenhava os personagens das fábulas. Ora ele se abaixava e se tornava pequeno como a agulha da fábula “A agulha e a baioneta”, ora se esticava dando um pulo para o céu e respondendo debochadamente à baioneta que espeta os homens, soltando uma gargalhada zombeteira:

“Hi,hi, hi e ha, ha, ha e ho, ho, ho

Espeto eu o algodão, um espeto após o outro

Sai uma camisa, uma roupa, uma coisa

Mas ao homem espeta hoje, espeta amanhã

E dele nada vai sair.”

Outra vez os aplausos entusiasmados. Parecia uma demonstração contra a guerra. Cada fábula continha esperança e coragem, um chamamento direto à luta. A fábula “Arco-íris” agradou especialmente. Os jovens, entusiasmados, gritavam “Steinberg, Steinberg”, e, particularmente contente, ele terminou:

“O quê? O mundo é louco?

Escuro? Escorregadio? Desesperante?

Penetra até nos ossos

Mas, gente, quando o sol começar a brilhar...”

A noite de Steinberg foi um grande acontecimento, e durante muito tempo os jovens estiveram sob a impressão por ele deixada. Como foi grande a dor e a tristeza quando, pouco depois, chegou a notícia de que ele não estava mais entre os vivos. Dizem que com a morte de uma pessoa termina a sua atividade. Isto não aconteceu com Steinberg, criador cuja obra continua a ser valorizada em todo o

mundo. Bem no centro da aleia principal do cemitério de Tchernovitz encontra-se o túmulo de Steinberg, cujo monumento se parece com uma parede, destacando-se dos vizinhos por sua modesta, mas significativa, escultura com a inscrição em ídich: ELIEZER STEINBARG 1880 – 1932

O monumento em alto relevo representa uma cortina aberta, o céu, estrelas, passarinhos voando, borboletas e a primeira frase de sua fábula “O martelo e o ferro”: “Tristes crianças neste mundo largo e amargo, vamos ao menos uma fábula

Contavam que entre as crianças ninguém o reconhecia, pois ele se transformava em criança.

saborear.” Triste e amargo, palavras que não dizem pouco sobre a sua própria vida. Basta lembrar que Steinberg, figura marcante na literatura judaica, não conseguiu em vida ver editadas suas fábulas. Este grande livro só apareceu depois de sua morte. Será que isto foi casual, ou resultou de sua modéstia, ou de sua falta de capacidade de empreendimento, ou falta de fortes cotovelos para romper as dificuldades? Tudo é possível, pois não se deve esquecer o cerco que ele sofreu dos pequenos burgueses. A sua ironia contra a ordem social era muito aguda; suas flechas foram lançadas e acertaram onde era preciso.

Mais tarde, começamos a preparar um concerto literário-musical. Resolvi encenar “A navalha e a serra” e “A agulha e a baioneta”. Eu já havia começado a escrever a música para essas fábulas. Era verão. Passando com alguns amigos fora da cidade e conversando sobre os planos do concerto, chegamos à floresta, onde nos sentíamos livres, sem ninguém para nos incomodar. Logo que nos sentamos na grama, surgiu Gavrilu com alguns gendarmes. Esse bandido – assim o chamavam, e ele era isso mesmo – de altura fora do comum, forte, uma grande cabeleira cobrindo a testa, um nariz inchado e nojento, nunca se separava de uma carabina curta, que usava no ombro, e nas ruas andava sempre em

companhia de um ou dois gendarmes, e especialmente do sargento Yonescu. Sequinho, de nariz afilado e com feridas abertas no pescoço, ele era um cruel torturador a quem apelidaram de “sifilítico”. Gavrilu revistou cada um de nós. Nada havia de comprometedor. Só em meu bolso encontrou um livrinho de anotações com as notas de músicas para as fábulas. Seus olhos encheram-se de sangue, e eu senti um forte soco no rosto. “Ah! Estes são os sinais de conspiração”, disse, sem parar de bater. De nada serviram nossas alegações de que eram notas musicais. Seguraram-nos alguns dias na gendarmaria, mas por fim tiveram de nos soltar. O concerto teve muito sucesso. Naturalmente os chefes superiores foram beneficiados e Gavrilu não se atreveu a impedir coisa alguma. Como de hábito, ele veio ao salão para dar uma espiada, bem na hora da cena de “A navalha e a serra”. Quando soube do que se tratava, rangeu os dentes: “Só por isto eu já daria muitos socos.” Nem desconfiava de que esses socos ele já os tinha dado antes e que os sentirei em meu rosto por toda a vida. E com muita honra, só porque esses socos têm relação com Eliezer Steinberg. ■

Tradução de Isaac Acelrad

** Os capítulos anteriores estão disponíveis no site da ASA.*

**ber
vel**

**Bervel
empreendimentos**

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555
www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Foto Natalia Francisco de Oliveira



O Círculo de Leitura da ASA, sempre em português, começou as atividades de 2012 em 10 de janeiro (foto). No próximo dia 20 de março, receberá como convidado Alfredo Tiomno Tolmasquim, autor de *Einstein, o viajante da relatividade na América do Sul*, que falará sobre sua obra e o processo de criação literária. A entrada é franca. O Círculo de Leitura se reúne quinzenalmente, às terças-feiras, a partir das 15h30. O encontro é sempre seguido de um lanche.

A ASA, em parceria com a Kinderland, está abrindo turmas de dança israeli para várias faixas etárias.

■ **Crianças de 8 a 10 anos**

(Leaká Chalom) – Quintas-feiras, das 15h30 às 17 horas, professor Marcelo Foks.

■ **Jovens de 11 a 14 anos**

(Leaká Keshet) – Sextas-feiras, das 15 às 17h30, professor Marcelo Foks

■ **Jovens de 14 a 17 anos**

(Leaká Atzmaí) – Quintas-feiras, das 17 às 19h30, professores Luiz Filipe Barbosa e Ricardo Becker

■ **Jovens universitários**

(Leaká Kessem) – Quintas-feiras, das 19h30 às 22 horas, professores Luiz Filipe Barbosa e Bruna Bergman

Inscrições e informações com Ilana (2266-1980) e Natalia (2535-1808 e 2539-7740), das 10 às 18 horas

A partir de março, toda última quarta-feira do mês será dia de música clássica na **ASA**. Sempre às 18h30, no auditório, grupos camerísticos mostrarão um repertório refinado, a preços populares. Os dois primeiros programas serão:

Dia 28 de março: Orquestra de Violões da AV Rio

Dia 25 de abril: Duo Ritmata – Roberto de Brito (violão) e Rachel Castro (flauta)

Ingressos: R\$ 5,00 para sócios da **ASA** e da AV Rio – Associação de Violonistas do Rio de Janeiro e estudantes da Escola de Música da UFRJ, e R\$ 10 para os demais

Doce De Leite

Confeitaria artística
Tradição em bolos e doces

Fazemos as delícias
do seu evento



Pão de Mel (especialidade da casa) - Doces
Bolos - Bem-casados - Cardápio judaico
21 2551-2630 (Claudete) | 3657-8812 (Graça)

Cartas para **ASA**: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefex (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br
Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001